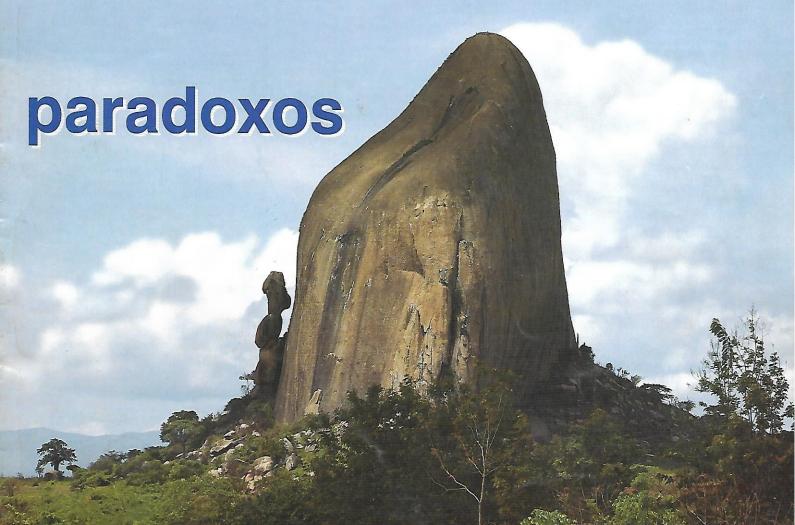


o avô e o neto

nos trinta anos de um ignóbil abandono



#### 1ª. semestre de 2005

Não tem sido fácil manter o nosso Boletim - O GABELENSE -, com edição semestral, já vamos no nº .: 16/junho de 2005, Ano VIII, sempre com o apoio incondicional dos gabelenses e dos colaboradores que se têm mantido fiéis aos princípios com que foi criado o nosso Boletim, o da solidariedade entre os gabelenses de apoio à nossa Associação e muito em especial de manter viva a chama do convívio dos naturais e ex-residentes da Gabela, concelho do Amboim, Angola, onde todos convivemos e nos empenhamos num trabalho árduo para erguer e tornar conhecida aquela Cidade, que construímos e vimos crescer, não excluindo ninguém e lembrando todos nos nossos encontros que se vêm realizando anualmente e sem interrupção, no último domingo de Junho, desde a nossa chegada, quando os primeiros se encontraram, após a revolução...

Recordemos sempre a cidade da Gabela, rainha do "ouro negro" (o café), em terras do Amboim, cujo produto se tornou conhecido, procurado e apreciado em todo o mundo o café do Amboim -, oriundo das suas rocas, espalhadas pelo concelho, que além da Gabela (sede) se confinaram ao Assango, Quilenda e Quirimbo, região do "cacimbo", dos cafeeiros em flor e da cereja, das roças com terreiros para seca e tratamento do café, descasque e preparação do produto para exportação, que tanto contribuiu para o enriquecimento do erário publico português de que Portugal sempre beneficiou, ou melhor, foi o único beneficiário, com a recolha de divisas, como suporte económico.

Este foi, entre outros, o maior contributo dos gabelenses, do colono, hoje esquecido e relegado ao infortúnio, por vezes difamado e nunca reconhecido...

#### Gabelenses:

Atendam ao nosso apelo... Contamos convosco... Dependemos de vós para continuar. A nossa união é indispensável para a sobrevivência da nossa Associação e com ela a continuidade do nosso Boletim " O GABELENSE", o nosso elo de ligação. Para além da vossa contribuição, precisamos da vossa colaboração, enviando-nos sugestões e artigos para publicação e de fotos antigas para lhe darmos vida, pois recordar é viver...

A Direcção agradecida.

### **indice**

### ficha técnica

editorial —————————————————————	pág.	2	
			propriedade
mãe há só uma	pág.	. 3	Associação dos Naturais ex-Residente e Amigos da Gabela
mensagem —	pág.	Δ	Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C 1900 LISBOA
	pag		Telefone: 21 848 23 23
ai ué angola ————————————————————————————————————	pág.	5	
			redacção
divagando em "coisas" do tempo do caprandanda	. pág	6	Todos os Gabelenses c/ a supervisão de Acácio de Oliveira
os ultrapasseiros ————————————————————————————————————	pág.	7	
			composição gráfica
nos trinta anos de um ignóbil abandono	pág.	8	Tipolito – Gráfica Regional, Lda.
preito de homenagem a raúl radich junior ———	pág.	12	impressão
discurso ocasião da inauguração da rua	pág.	14	Tipolito – Gráfica Regional, Lda.
paradoxos —	pág.	16	periodicidade
o avô e o neto	pág.	17	Semestral

### mãe há só uma.

#### manuel luís



08-04-1929

23-05-2004

E quero poder recordá-la eternamente como é representada no retrato em que a apresenta com a beleza e o vigor da juventude por alturas em que fui concebido.

Ainda tinha este aspecto quando chegou à Gabela seguindo o meu Pai que ali tinha chegado quase dois anos antes em busca de uma herança que não pôde e/ou não soube recuperar.

Fez portanto parte do lote de pessoas anónimas que labutaram, quase sempre apenas sobrevivendo e que ainda assim contribuíram para o engrandecimento do Amboim e para o enriquecimento de alguns daqueles que a rodeavam.

A vida impõe à maioria de nós objectivos definidos, grande parte das vezes, por fasquias, metas, tempos, cargos, saldos bancários, férias de sonho. Tudo isto se resumiu sempre para a minha Mãe em trabalho e mais trabalho, num esforço continuado de poder garantir o pão e a educação aos cinco filhos. O pão faltou muitas vezes e foram-se sucedendo milagres traduzidos por muita força, inesgotável, para que pelo menos o indispensável houvesse à mesa.

Não a impediu no entanto de repartir o

pouco que tinha com os ainda mais desfavorecidos. Lembro-me por exemplo da Domingas "maluca". Escorraçada por quase todos, era visita diária lá de casa. Chegava, sentava-se no degrau da porta de casa e esperava que a minha Mãe lhe pusesse um prato sopa e um pão na mão. Sempre à mesma hora e todos os dias. Um dia a minha Mãe esperava-a com uma selha cheia de água onde a meteu e esfregou. Depois enfiou-lhe um vestido de chita novo, feito de retalhos. Naturalmente a Domingas ao principio barafustou, insultou-a do pior. Depois de se ver lavada e de vestido novo era vê-la saltar e dançar de alegria. Esta cena iria repetir-se a perder a conta.

Na Missão do Vouga onde esteve mais de um mês para curar um pé partido, mal curado na Gabela ao ponto de quase ficar sem ele, coincidindo com a época das Primeiras Comunhões fartou-se de fazer vestidinhos para as garotas a recolhidas. Talhou-os e costurou-os à mão, sentada na cama, numa forma simples de compensar o carinho ali dispensado pelas Freiras.

Quanto à Educação que nos deu, não me parece ter havido em tempo algum queixa de relevo de qualquer um de nós, e, só não estudou quem não quis (até nos virmos embora). Transmitiu-nos sempre os princípios elementares do respeito do alheio e para com os outros, encaminhando-nos numa educação e conduta d e acordo com as suas convicções religiosas em que A Sagrada Família, Nossa Senhora de Fátima, O Sagrado Coração de Jesus e O Anio da Guarda tomavam parte integrante nas suas Orações diárias. Estes Ícones faziam parte de um pequeno Oratório disposto no seu quarto, de lamparina acesa, que sempre nos acompanhou por Terras de África, regressando à sua Terra de Origem, Travancinha, no Concelho de Seia.

Raras pessoas ouvi sem saudade ou nostalgia pelo tempo que lá passou. Pudera!

Em 1975, aquando do regresso dos Retornados, Desalojados ou Espoliados do Ultramar, era ver como todos choravam o que lá deixaram. Todos lá tinham deixado fortunas, terrenos, fazendas, prédios?

Quando perguntavam à minha Mãe, e tu, deixaste lá muita coisa? Ela respondia.

- Graças a Deus trouxe tudo quanto lá tinha. Referia-se aos cinco filhos e outros tantos netos. Era toda a sua fortuna, acumulada durante vinte e três anos em Angola.

Entretanto a vida e o tempo encarregaram-se de dispersar a sua fortuna.

Falo no passado. A minha Mãe descansa finalmente em paz.

Começou a servir como pastora aos cinco anos de idade, longe de casa, para uma patroa que lhe dava ao fim do dia de trabalho um pedaço de broa e a punha a dormir no chão de palha com as ovelhas.

Deixou de trabalhar aos setenta e cinco anos após doença prolongada e dolorosa, que não merecia. Se é que alguém merece.

Os últimos quarenta e dois dias passados na Hematologia dos Hospitais Universitários de Coimbra, foram de grande sofrimento e sem um queixume. Contorcendo-se de dores a que os medicamentos já não combatiam, tinha forças para nos animar contando-nos algumas piadas. Quero deixar bem expresso o meu reconhecimento pessoal aos médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar que, salvo as normais excepções que justificam as regras, foram atenciosos, carinhosos e atentos no desempenho de tarefas que, mesmo quotidianas, não são nada fáceis.

Na nossa ausência foi a D. Lurdes Figueiredo, vizinha, que se revelou a sua melhor e maior amiga e para quem não tenho palavras de gratidão. Durante mais de um ano e desinteressadamente entregou-se de corpo e alma e sem horários para, pondo de parte a própria família, cuidar da minha Mãe. Medicamentos, higiene, refeições a horas. Deslocações periódicas, muitas vezes de urgência aos Hospitais de Seia e Coimbra, acompanhando-a sempre com o desvelo de uma filha muito querida, cuidando para que nada lhe faltasse. Chorou e rezou com ela e por ela quando quase um ano antes do desfecho se sabia não haver remédio que a trouxesse ao vigor que pudesse ser compatível com a sua idade. Acompanhou-a ainda em Coimbra nos seus últimos dias.

O meu muito obrigado ainda ao Sr. Padre José António, Pároco dos HUC, que com algumas cumplicidades incluindo a minha, pôde, não sem alguma perseverança e muitas tentativas, ludibriando outros interesses de carácter fundamentalistas (ao ponto de se atirar para o lixo uma imagem de N. Sr.ª de Fátima, no mais completo desrespeito

pela crença alheia) dar-lhe os Últimos Sacramentos como era seu desejo (dela) profundo. A partir de agora alguns compreenderão porque ela se manteve viva mais de uma semana para além de todas as expectativas e da própria (in) compreensão dos médicos, e, de repente sem nenhuma explicação aparente, a acalmia, a espera tranquila e sem sobressaltos. A Vela da Vida extinguiu-se.

Poucas pessoas, mesmo aquelas que com ela lidaram de perto, não a reconhecerão na foto, estou certo. No entanto, como disse, foi um instantâneo apenas dois anos antes de chegar à Gabela.

Estou a falar da Sra. D. Etelvina Fernandes, a Sra. da Brôa como também foi ali conhecida.

A brôa cujo forno era aceso às cinco da manhã depois de ter estado na máquina de costura, muitas vezes de forma directa, a cumprir prazos de fornecimento de fardas para os contratados do Mário Cunha. Camisas e Calções pagos a 1\$50 que muito ajudaram a pagar a renda de casa e com ela a possibilidade de estarmos na Gabela e prosseguirmos a nossa escolaridade.

Para a manter acordada fiquei muitas vezes a estudar ao lado dela ou a ler em voz alta romances e aventuras pela noite fora.

As minhas desculpas àqueles a quem este pequeno tributo foi fastidioso. Garanto-vos que se tivesse mais espaço e soubesse exprimir-me melhor tê-lo-ia feito.

MÃE há só uma.

Com eterna saudade, do seu mais velho.

# Mensagem

**AOS GABELENSES:** 

Não é um "convite", mas lembrar aos Gabelenses o nosso encontro anual em 26 de Junho de 2005 (último domingo), em Mogofores, parque das merendas, onde estaremos à vossa espera, para confraternizarmos e dar a todos aquele abraço saudoso e de muita amizade, recordando o que fizemos em terras do AMBOÍM GABELA, orgulhosos pela nossa contribuição para o novo País soberano, que é ANGOLA.

Venham e tragam um amigo, para além da família, para sermos muitos.

Nunca somos demais ...

A Direcção da Associação



Estes são alguns dos membros da actual direcção, os quais têm contribuído para que a nossa Associação se mantenha em actividade, organizando e apoiando as actividades com muito entusiasmo.

# ai ué angola



são marques

Olhando e folheando o último boletim "O Gabelense", lamento a "nossa" Gabela do esquecimento. Agradeço sinceramente aos irmãos Castro o restauro da Igreja da Gabela.

Também gostaria de fazer algo..., de ter poderes para reabilitar a minha amada terra. Mas quem sou eu?... Apenas uma sonhadora incurável. A feliz passagem naquela terra, que tanta saudade e nostalgia nos desperta, deu-nos asas para voar...

Conheci uma Gabelense, funcionária de secretaria da escola de Quarteira (onde dei aulas) e uma Benguelense, professora de alemão, ambas de nome Paula. Foram óptimos os nossos "papos". E quando se iniciava um pé de dança, as angolanas saíam na frente. Havia aquele entendimento entre nós!...

Somos diferentes... mais autênticos... mais sinceros... mais directos. Bem sei que em todo o lado há bom e mau!... Mas quando encontramos gente que nasceu e viveu naquelas paragens, há um CLIK...!... Um entendimento e empatia imediatos...

Pese embora a acusação de alguém que me é próximo de termos tratado muito mal as tropas que lá estiveram. Exmagala de Cabinda, marcado pela guerra que sobreviveu por milagre, acusa-nos de os ter desprezado e marginalizado quando eles andaram a proteger-nos em Angola. Conjugando a revolta que eles sentiam em estarem em terras estranhas forçados a combater por uma causa que lhes era estranha ou, no mínimo, indiferente, com o desprezo que os residentes lhes manifestavam. Contudo afirma que as coisas modificaram quando o Rosa Coutinho os trouxe para Luanda, aos "marados do inferno" (assim eram conhecidos os tropas sobreviventes de Cabinda) depois do 25 de Abril de 1974, com o objectivo de pôr ordem no caos. Nesse

os trouxe para Luanda, aos "marados do inferno" (assim eram conhecidos os tropas sobreviventes de Cabinda) depois do 25 de Abril de 1974, com o objectivo de pôr ordem no caos. Nesse período eles eram bem recebidos e bem tratados em todo o lado. Os residentes sorriam-lhes e davam-lhes tudo o que desejassem. Na época em Luanda, os polícias demitiam-se da acção, apenas iam às esquadras assinarem o ponto. Luanda estava a saque!... Aí então os "feijões verdes" foram o recurso para impor alguma ordem...

Pergunto-vos Gabelenses: é verdade que nós agimos assim?... Não dei conta de tal procedimento na Gabela. Mas se isso aconteceu, se destratamos aqueles rapazes, foi imperdoável...

Amigos da Gabela, quero fazer-vos uma proposta: que a partir de Junho de 1996 (inclusive) passemos a reunir no parque de campismo de Abrantes (á entrada da cidade). Eu resido em Abrantes e garanto-vos este parque é moderno e espectacular! Além de que Abrantes é mais central e tenho gente amiga que me ajudaria a tornar os encontros inesquecíveis. Os acessos são óptimos e aos Gabelenses do Sul (estou a pensar nas minhas amigas Paula) seria mais propício à deslocação.

Até breve. Um tchau da São Marques.









# Divagando em "coisas" do tempo do caprandanda...

luís de carvalho





Na minha infância não havias "famosos". Todos éramos, muito famosos, pela nossa conduta, solidariedade e camaradagem, na forma como encarávamos a vida, respeitando os outros (como dizíamos), sempre em competição, reconhecendo os melhores. Havia de facto os melhores... os dirigentes, os comandantes, os líderes, por todos enaltecidos e seguidos.

Foi assim que cresci e me fiz homem, nascido em terras de Angola, no Cuanza-Sul, Libolo, Calulo, no lugar do Luati. Aí começou a minha vivência, primeiro na fazenda do Quingungo, na Cabuta. Filho de funcionário não aquecia lugar... Passei pela Munenga, Luanda, Catete, até Nova Lisboa (Huambo). Ao cabo de 5 anos, aproximadamente, em 1938/39, fui parar a Benguela, onde passei toda a minha adolescência, rica de sonhos, aventuras e de uma vida de

recordações, compartilhada com colegas e amigos de escola... Comecei na Escola da Curibeca, perto do Hotel Suíco, onde vivi uns anos, compartilhando com outras famílias Lage, Torres, Luz, Alves (celebre Alves aviador), era o Bairro do Jardim (entre os Hotéis Suíço e Avenida) onde viviam outras famílias, Palhares (mãe Mafalda, avó Pulquéria e os Filhos (Miau) e Mota Veiga (Eduarda, Lito, Toninho e Ester). Éramos uma só família e assim convivemos anos, compartilhando o dia a dia, com brincadeiras de jovens e com a nossa equipa de futebol do Bairro do Jardim, que disputava o campeonato de bairros, por nós organizado, contra o Bairro Pires Guerra, Bairro da Peça, Bairro da Liga, entre outros...

Passei para a nova Escola Manuel Cerveira Pereira, perto do Rádio Clube e depois do Cinema Monumental, deixei o Hotel Suíço e fui para a Pensão Familiar e, mais tarde, para uma moradia, junto ao Hotel Tamariz, na Travessa da Flores Frequentei o Colégio S. Filipe, do D Beirão e daí para o Colégio Nun'Alvares do Dr. Beirão e Prof. Correia da Silva passando, entretanto, pelo Liceu Diog Cão e Internato do Liceu em Sá d Bandeira (Lubango).

Foi uma vida de vivência em Benguela longa, onde compartilhei, com outro jovens de uma vida inesquecível, com estudante e desportista, para além da actividades de lazer que organizávamo para nos divertir, não esquecendo nossa Praia Morena e as actividade proporcionadas pelo Mocidad náuticas, desportivas, campismo, entroutras, que nos ocupavam os tempo livres, em são convívio.

Foi neste ambiente, que compartilhei d companhia e amizade de um amigo, hoj um velho amigo, que apesar de mai novo, sempre demonstrou um capacidade invulgar de liderança que como hoje, inconformado, sempre s empenhou na denúncia de injustiças desvalorizando os interesses pessoais materiais, na defesa da causa comum.

Ao meu amigo e companheiro, Frota, D Professor Mário Angelo Frota, est simples, mas sincera homenagem, pel nossa amizade, que muito prezo e m orgulha.

Ao Homem, ao Professor e ao velh amigo, este reconhecimento, singelo mas sincero, que estou certo muito partilham e desejariam manifestar, com ficou patente no almoço d Benguelenses, em que tivemos a honr de compartilhar da sua companhia, ond a boa disposição e satisfação de todo foi patente, como comprovo pela imagens que reproduzo do almoço n Restaurante Mediático, em Telheiras Lisboa, em 21 de Abril de 2005, ond estiveram bons e velhos amigos recordando tempos inolvidáveis...

Será um exemplo a seguir, por todos qu tendo vivido em Angola, se organizar em Portugal, confraternizando, er al moços e/ou encontros, não esquecendo o seu contributo n construção de um País, onde nascemos vivemos e fomos obrigados a abandoná lo, sem o reconhecimento, da noss contribuição, na existência do novo Paí independente e soberano, que é República de Angola.

Um dia se reporá a verdade e s reconhecerá a injustiça...

### os ultrapaceiros...

#### jorge domingues

Numa sociedade existem várias classes, economicamente três classes, baixa, média, alta.

Em Portugal é a classe média que paga para a classe baixa que não pode pagar e para a classe alta que pode não pagar. É a classe média que continua a ser altamente penalizada e a única que é produtiva. Serve esta introdução para falar da classe com menos classe em Portugal, que é a classe política. Os políticos que nada produzem e que estão desde a junta de freguesia aos ministérios entretêm-se a fazer e a revogar leis.

O último exemplo é a nova lei do código de estrada. Como a culpa era do álcool inventaram a tolerância "O", como os acidentes e número de mortos continuou a aumentar reviram o código dando aos agentes de trânsito poder para cometerem as maiores arbitrariedades. Se pisou o traço contínuo é altamente penalizado. Se estacionou em cima do passeio falta gravíssima e multas altíssimas para contribuintes que às vezes ganham o ordenado mínimo e que numa multa gastam mais do que ganham num mês; mas as pessoas estacionam mal porque não têm onde estacionar e quando têm estacionamento é pago à hora e muito caro. Mas este Estado que tanto exige o que é que dá em troca, nada. Só pede. A educação boa tem de ser paga e existem inúmeras faculdades privadas. A saúde está como todos sabem. A habitação caríssima e financiada pelos bancos que têm lucros altíssimos. Todas as actividades produtivas, agricultura, indústrias, estão falidas. Inventaram leis que desaconselham o investimento. O que existe é comércio, compra e venda, que não gere qualquer riqueza e não existe terra que não tenha "shopings" ou centro comerciais onde as gentes vão passar os fins-de-semana culturais com os filhos; para os museus, isso não, são pagos e caros e muitas vezes estão fechados. Vão passar o domingo ao centro comercial e elas voltam para ver a novela e eles para ver o futebol. Aprender não, que a classe cultural devem ser os políticos.



Existem concursos de televisão e reparem pessoas formadas depois de 25 de Abril de 1974 e com cursos superiores têm cultura geral muito baixa. Ri-me quando um engenheiro não sabia que Haia era na Holanda e quando uma médica não sabia que o diafragma era o regulador de intensidade de luz num microscópio, ou que Jorge Amado era brasileiro. Mas ela sabe que é quem na quinta das celebridades. E quando alguém que se intitula conde sai nas revistas e jornais todos, como é que hãode saber quem inventou a electricidade, ou em que século vivemos ou quem fomos ou para onde havemos de ir ou pior para onde nos levam.

A culpa é dos "ultrapaceiros" para quem a prioridade é regular as ultrapassagens; tão preocupados com a mortalidade nas estradas e tão preocupados em despenalizar o aborto. Se houver lei do aborto, o aborto será feito onde? Nos hospitais públicos em que as listas de espera pelas cirurgias que podem salvar vidas é de vários meses. Nos hospitais a prática do aborto será prioritário? Para mim as grávidas iam também para a lista de espera que é quase sempre superior a um ano e estaria o problema resolvido. Esta temática não mereceria um debate mais amplo e responsável?

Ninguém diz aos senhores deputados que a sinistralidade não baixa pelas multas serem caras mas pela implementação da educação e civismo? O aborto seria excepcional se houvesse educação. Não liberalizem, eduquem, responsabilizem e dêem o exemplo.

Não exijam se não cumprem. Se o uso do cinto é obrigatório a polícia que use o cinto também e os deputados. Na democracia se há lei não pode haver isenções. Se lei é lei que seja para todos e não só para alguns e que não sirva só para aplicar coimas; e como queimam as coimas...

Num inquérito aos alunos do Instituto Superior Técnico perguntavam, sabe quantos são 7x7? a maioria dos alunos, futuros engenheiros, não sabia. À pergunta sabe qual o triplo de 3 e um aluno respondeu, 3 tem triplo? Sabem onde estudaram os políticos que nos governam? Será que não fazem contas à vida de cada um?

Ninguém entende que devem promover e incentivar o trabalho e a produtividade? Não aqui multam quem trabalha e subsidiam quem não faz nada. São "ultrapaceiros", temos de usar coletes reflectores normalizados, comer fruta normalizada, tudo manual, menos quem decreta. Os políticos quando erram demitem-se, ninguém lhes pede contas. Deixam passar o tempo e recandidatam-se. Todos esquecem.

# Nos trinta anos de um ignóbil ab

### a angola e às vitimas de uma descolonização que se

prosa: mário frota poemas: carlos frota

Quando o pôr-do-sol é génese e não crepúsculo, a dádiva ingénua aos meninos da terra-mártir:

Dou-te menino A gajaja mais doce que houver No quintal

Com seu amarelo A gajaja não passa de um raio de sol Caído no açúcar

Dou-te menino A goiaba mais doce Da goiabeira

Ao cortá-la verás Como nela se escondem Os tons vermelhos Do sol-posto

Na paleta de tons com que a África o mimoseara, o poeta retribuía às mulheres da terra distante o quadro em que a natureza nos envolvera num híbrido de prémio e castigo pela inocência de se haver crido:

Empresta-me o verde dessas Couves e o vermelho vivo que está po dentro das goiabas ó vendedeira infalível das seis horas da manhã

empresta-me o dourado das Laranjas e o encarnado gritante dos tomates e todos os tons reunidos num maboque

ó heroína anónima das seis da Manhã

empresta-me essa ternura quente boa maternal dum filho aninhado às costas às seis horas da manhã

empresta-me a tua força a determinação instintiva duma louca caminhada do Cavaco ao Casseque

com uma quinda à cabeça às seis Horas da manhã e eu darei vida e calor ao retrato definitivo das mulheres da minha terra

Das águas cristalinas de um Cuanza ou da secura de um mítico Coringe às turvas águas de um Tejo, em que desaguam os regressos, em que se prenunciam os exílios, os sinais de uma circum-navegação sem retorno:

nas veias me correm coringes e cuanzas no peito me ardem queimadas antigas

e o tejo é o tejo o sangue exterior da mais Improvável transfusão

e a fogueira que arde na beira-alta de meu peito não aquece o corpo não pinta o quadro não constrói as asas do meu voo atlântico

E na claridade de um sol que incendiava a alma de um modo diferente, a evocação do poeta-menino-adolescente que a ausência de Universidade nas plagas africanas teimara em não preservar no chão, persistindo em irradiá-lo do seu rincão para a Coimbra distante, templo-de-saber, lugar de peregrinação imperativa

tenho dentro do meu peito
Guardadas
todas as claridades do teu sol
Brilhante
e com amor conservo
todos os tons de azul do teu mar
oceano
e os cheiros bons da minha infância

terra de África mãe mulher amante gastei todas as imagens de poeta pintei todos os búzios e maboques com cocos e goiabas à mistura

mas no coração persiste este desejo de viajar de novo no teu ventre Abrigo

Africa-terra Terra de um único povo negro e Branco E o mar, o apelo permanente do mar profundo que as caravelas sulcaram, na rememoração de paradisíacas baías onde o *lazer* é *mais prazer*, presente na evocação da Baía das Vacas, a que aportara Cerveira Pereira, à Baía Azul em que um incipiente turismo a transformara para dela se fruírem as belezas, à Caota, qual filigrana artisticamente recortada por mãos de hábil artifice:

reflexos doirados no mar da Caota

rochedos agrestes e a areia branca onde os teus pés imprimiam caminhos particulares

ao longe um vulto de barco à vela um silêncio de paz um momento suspenso entre capítulos do mesmo existir

E entre vibrantes exortações outras de quem se aparta de um panafricanismo suicida, grito pungente de uma alma que sofre e busca refrigério:

não me peçam para esquecer a minha terra não me peçam para esquecer a minha terra

eu não posso

se o preço de ser livre foi perder a bagagem

no exílio o que custa é não perder a memória

E ao cantar as raízes, rememorando os lugares da infância e, nas recordações da infância, a **casa** que é o lugar do retorno permanente, como o asseverava entranhadamente Göethe, elege esse espaço mítico como fulcro de uma reflexão sem sentido

a nossa casa é onde mora a saudade da infância casa que se não vê por fora senão na ânsia de pisar de novo o chão original o que serviu de berço e servirá de túmulo

# b andono

se não fez...



a nossa casa é um tempo um lugar e mais que Isso é esta sensação de termos sido agasalhados por dentro impenetráveis aos ventos às tempestades e às ciladas

a nossa casa é uma rampa por onde se lança o sonho de crescer e conquistar o mundo

por isso não pode tremer o solo onde se apoiam futuros vencedores da vida

E o momento do abandono se regista, na crueza de um fim que é princípio, algures no insondável mistério de um devir desservido pela certeza de novas cobiças e dos caboucos de novos Impérios, na sanha avassaladora da rapina dos novos senhores:

do tempo das galeras já passado outros tempos cresceram no teu tempo e de teus filhos o grito macerado transpõe todos os tempos do teu tempo

é um tempo de fome que persiste na resignação esfíngica das mães cujo olhar vazio de esperanças perscruta o tempo novo que não vem

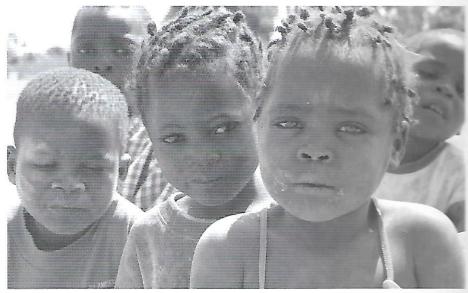
nas rotas sombrias dos antigos veleiros há de novo navios ajoujados da riqueza furtada das entranhas da terra e do povo escravizados

novos colonos esperam longe a súbita partida dos antigos vêem subtis algemas de veludo e a mesma cobiça escondida num sorriso de amigos

aos impérios que o tempo sufocou outros se sucedem vitoriosos e África persiste terra cativa agrilhoada pátria de sonhos Incontidos

E nas lutas intestinas que o abandono execrável gerou, a expressão de um sentimento de impotência e frustração:

Há dentro de mim Paisagens de sol e mar Da minha terra distante



Procuro nos jornais A confirmação urgente de que o sol Continua a iluminar majestosos Os campos e as praias Da minha terra distante

Mas os jornais Cruelmente me falam de guerras e de lutas Na minha terra distante

A perspectiva de um não-regresso tingido de incertezas nos **ódios cavados** pelos artífices da insídia, da divisão, da destruição mais funda e insuperável:

meninos brancos e negros mãos nas mãos apertadas em folguedos de rua na mesma ilusão de crianças

onde estais? que guerra vos matou?

que ferida vos fez odiar o luar bom do Largo da Peça com cantigas de roda nas noites de Março?

se não posso ouvir de novo o pregão do carvoeiro e o da velha peixeira nas madrugadas serenas ao pé da Massangarala

se não posso ouvir de novo mil pardais ao desafio em cima das árvores velhas do velho Largo da Peça

se não posso ouvir de novo o cantar dos pescadores a puxar nas suas redes prós lados do Alexandrino

não me peças que regresse pois para estrangeira já basta a terra que não escolhi E, por derradeiro, a esperança que vagueia pelo espírito de quem regressa sempre, ao menos em pensamento, ao chão-natal, à terra quente que lhe ungiu o fado, à matriz de muito parturejares:

não é um sentido que procuro não é a direcção com que se caminha para o futuro em cada gestação

não procuro no livro a página bordada com a nova História mas penas a estrada interior da memória

o tempo é de sangue rubro sangue no verde capim manter-me-ei acordado até que chamem por mim

estou vivo e estou aqui minha terra meu amor por uma estrela me guio até chegar à praia da minha querida Benquela

E o Bairro de Benfica na evocação de sempre, lugar de retorno, de esperança, de reencontro

rua 11 rua 11
todas as ruas todas
da nossa linda cidade
me torturam e me obcecam
na azeda melancolia
do meu exílio europeu

mas um dia hei-de voltar. havemos de voltar

### CAVES ALIANÇA, S. A.

#### 75 Grandes Anos com os olhos no futuro

#### As origens

Foi já no longínquo ano de 1927 que as actuais Caves Aliança, S.A. iniciaram em Sangalhos a sua actividade, então sob a denominação social Vinícola de Sangalhos, Lda..

Os seus dois principais impulsionadores, Domingos Silva e Angelo Neves, eram já então pessoas experimentadas nos negócios e nas artes vínicas. O primeiro porque já desenvolvia uma actividade comercial variada e o segundo, enólogo nato e já com provas dadas, era o responsável pela Sociedade Vinícola Aguedense, Lda., com sede no lugar do Vale Grande, do concelho de Águeda que, entretanto, fora tomada de trespasse.

Àqueles dois lideres se aliaram mais nove sócios, formando assim uma grande aliança que viria a justificar o nome de "Caves Aliança" que anos mais tarde foi incorporado na denominação social e que perdurou até aos dias de hoje.

A experiência e o dinamismo dos seus fundadores fizeram com que a incipiente Vinícola de Sangalhos desde muito cedo se assumisse com pretensões a uma grande empresa quando, logo nos anos trinta iniciou a sua actividade exportadora para o Brasil e para França e quando à sua volta começou a desenvolver um conjunto de actividades afins, como a destilação de aguardentes e a de serração de madeiras para a sua caixotaria e para a sua tanoaria.

#### As Caves

Integradas na Rota dos Vinhos da Bairrada, as Caves Aliança ocupam actualmente em Sangalhos, uma área superior a 30.000 m² onde têm efectuado vultuosos investimentos em instalações que ocupam uma área coberta de cerca de 20.000 m², distribuída por vários pisos incluindo as suas labirínticas galerías subterrâneas. Aqui se fazem e armazenam ao longo dos tempos alguns milhões de garrafas de vinhos V.Q.P.R.D. e de espumantes naturais preparados pelo método clássico, outrora designado por "método champanhês", caracterizado por fazer a segunda fermentação (champanhização) dentro da própria garrafa.

Mas para além dos conhecidos vinhos e dos apetecidos espumantes naturais, onde as Caves Aliança têm alcançado um vasto e invejável palmarés no País e no Estrangeiro, a empresa continua a elaborar também afamadas aguardentes vínicas velhas, sector em que é líder de mercado nacional e para o que dispõe de um valiosíssimo stock em envelhecimento.

Percorrer este mundo subterrâneo, sentir os cheiros dos taninos das suas amplas naves repletas de milhares de pipas de carvalho com aguardentes e vinhos em estágio, encher a vista com tantas e tantas pilhas com milhares de garrafas ordeiramente dispostas e identificadas pelos lotes, por categorias de produtos, por colheitas, por regiões de proveniência, é descobrir um mundo inimaginável de sensações por quem, passando na estrada, apenas avista uma construção simples e com reduzida visibilidade.

Mas é também a maneira de nos apercebermos o quão complexo e exigente é todo o processo produtivo, para que os produtos cheguem aos mercados com as características que os consumidores pretendem e capazes de competir com tantos outros dos mais diversos produtores e países.

É que as Caves Aliança, para além de serem uma empresa de referência no mercado nacional, não têm descurado a sua vertente exportadora, enviando para os mais diversos mercados espalhados por todo o mundo quase 50% da sua produção, na maioria vinhos de mesa.

#### Preparando o futuro

Para melhor poderem enfrentar esse desafio, as Caves Aliança não só têm investido continuadamente na actualização das suas instalações, nomeadamente com a construção recente de um novo centro de vinificação para vinhos de topo de gama com técnicas de vanguarda, assim como tem investido nos seus sistemas de controlo e melhoria dos processos de fabrico, o que lhe possibilitou a sua certificação há já alguns anos segundo as Normas ISO 9002.

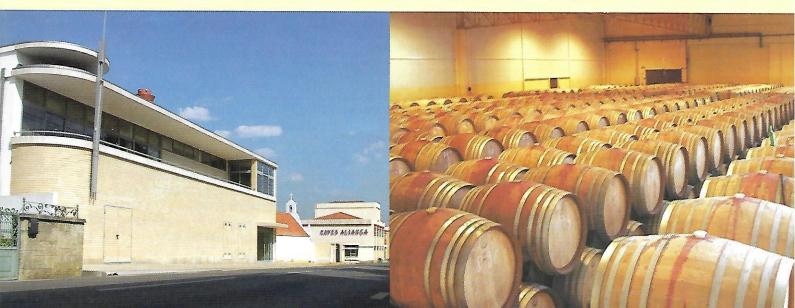
Presentemente preparam-se já para a certificação de acordo com as Normas ISO 9001/2000.

Mas porque a condição fundamental para a obtenção de óptimos vinhos é dispor de óptimas uvas, nos últimos anos tomou uma opção clara e forte por investir em vinhas. Do Alentejo ao Douro, passando pela Bairrada, pelo Dão e pela Beira Interior, as Caves Aliança têm vindo a proceder a um trabalho selectivo e intenso de exploração, plantio e reconversão de vinhas que já ocupam uma área superior a 350 ha onde, apoiada numa equipa de jovens técnicos com formação actualizada, procuram produzir as uvas mais adequadas à obtenção de vinhos de topo de gama e outros, com objectivo de, sustentadamente, elevar cada vez mais a qualidade das suas marcas e contribuir eficazmente para a melhoria da imagem dos vinhos portugueses no estrangeiro.

Recorrendo também à larga experiência internacional de dois consultores enólogos de Bordéus, Michel Rolland e Pascal Chantonnet, os primeiros frutos dessa aposta nas vinhas e em novas práticas enológicas começam a aparecer. Neste ano jubilar, já foram lançados no mercado três novos vinhos de topo de gama: "T da Quinta da Terrugem", (Alentejo), "Quinta dos 4 Ventos" (Douro) e "Quinta das Baceladas" (Bairrada), todos da colheita de 1999, que têm vindo a merecer da parte dos críticos especializados os mais elogiosos comentários.

Para o próximo ano, novos lançamentos se perspectivam com base na colheita de 2000, enquanto que a colheita de 2001, donde se espera venham a surgir excelentes vinhos, só será lançada no ano seguinte.

Em consequência dessa aposta, as Caves Aliança pretendem afirmar-se como um produtor nacional de vinhos de qualidade, cujo universo pode ser observado quer na visita às suas instalações em Sangalhos, quer em visitas às suas quintas e através da internet.



### AS PRINCIPAIS MARCAS

Aliança Particular Bruto, Espumante Aliança Tinto Bruto, Espumante Aliança Danúbio Bruto, Espumante Antiquíssima, Aguardente Antíqua, Aguardente

Aliança Velha, Aguardente Quinta dos 4 Ventos, VQPRD Douro Foral Grande Escolha, VQPRD Douro Aliança Particular, VQPRD Dão Quinta das Baceladas, VQPRD Bairrada Aliança Garrafeira, VQPRD Bairrada Angelus, VQPRD Bairrada Galeria, Regional Beiras T da Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo Alabastro, Regional Alentejo Aliança Particular, VQPRD Palmela Quinta da Cortezia, VQPRD Estremadura Casal Mendes Rosé, Vinho de Mesa

#### AS QUINTAS:

#### BAIRRADA:

Quintas Forum Prior do Crato Sangalhos (Anadia)

Quinta das Maribanas Óis do Bairro (Anadia)

Quinta das Baceladas Outil (Cantanhede)

#### DÃO:

Quintas da Garrida e do Vale do Pereiro Vila Nova de Tazem (Gouveia)

Quinta das Casticeiras Moimenta da Serra (Gouveia)

#### DOURO:

Quinta dos 4 Ventos Porto de Bois EN 222-4 Cedovim (V.N. Foz Coa)

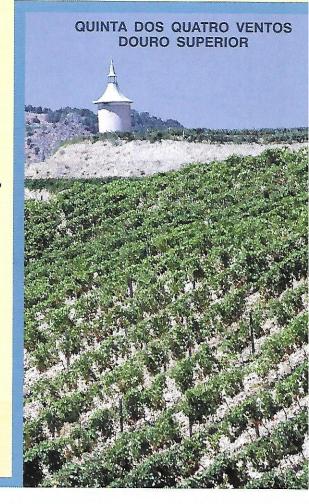
#### BEIRA INTERIOR:

Quinta D'Aguiar Santa Maria de Aguiar Figueira de Castelo Rodrigo

#### **ALENTEJO:**

Quinta da Terrugem Terrugem (Elvas)

Quinta do Barranco Malhada Alta (Alandroal)





Caves Aliança, S.A.
Rua da Misericórdia - Sangalhos
Telef. 234 732 000
www.caves-alianca.pt

# preito de homenagem a raúl radi

### festa anual do distrito de moçâmedes

mário frota



De seus pais, o oficial Raúl Radich, que servira na Fortaleza de S. Fernando, na Angra do Negro, e Maria Ermelinda Rocha Malheiros, recebera a exemplar formação que lhe exornava o carácter.

Rezam as crónicas que Raúl Radich, seu pai, pertencera ao escol que em 11 de Julho de 1911 constituíra o Centro Republicano Colonial de Moçâmedes, havendo sido eleito seu primeiro secretário.

Raúl Radich Júnior cedo se afirmara pelas invulgares capacidades com que fora dotado.

Com Beatriz Vilela Caleres se consorciou. E dela teve duas encantadoras meninas, a Raquel e a Elsa, que ora connosco confraternizam.

Raúl Radich Júnior fora um desportista de eleição, militando de forma exemplar no Atlético Clube, incarnando o lema, ora em desuso, "mens sana in corpore sano".

Venerado pelos seus pares como pelos

adversários, constituiu modelo de virtudes que às gerações subsequentes se apontava pelas qualidades que o aureolavam.

Como mester, foi um distinto despachante oficial, adjuvante dos serviços aduaneiros, profissão almejada por tantos, quer pela projecção social como pelo estatuto remuneratório, de si invejável, numa terra dominada por equilíbrios sócio-económicos, de que raros se destacavam, com excepção, afinal, para os que detinham interesses na indústria piscatória, entre nós.

A vida pública preencheu-a através de cargos de eleição em um sem número de colectividades, em que a marca, o cunho, o timbre do seu carácter se afirmou de modo insuperável. Como através de um contributo maior que dera ao desenvolvimento e ao progresso da terra que lhe serviu de berço, ao ser guindado às elevadas funções de presidente da Câmara Municipal.

Os seus mandatos, numa inflexão política em que aos filhos da terra se passou a cometer funções de tamanha relevância, constituíram verdadeiros

marcos, como coroamento de uma invulgar energia e de um devotamento insuperável à res publica, ao serviço dos que com ele comungavam de um conceito de cidade, na individualidade de uma terra implantada entre o mar e o deserto e que era uma jóia da coroa no seu sublime processo de afirmação, de miscigenação e de aculturação.

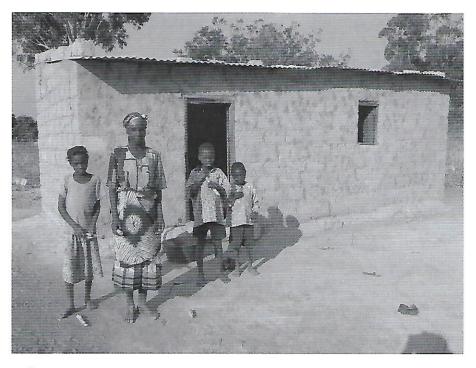
Raúl Radich Júnior era um homem esmoler, que aos outros se votava sem sobranceria nem arrogância.

Tantos dos presentes conservam a memória dessa figura de porte atlético, que jamais cedeu um milímetro que fosse à carta de princípios que elegera como própria, mas de uma transbordante humanidade, na generosidade do gesto, na inteireza dos propósitos, na sublimidade do ideal.

De tal sorte que o popular Zé Coco, ao exprimir sentimentos próprios que o eram de todos, em memorável epitáfio escrito no seu periódico, lhe conferiu ênfase maior ao realçar a epígrafe, em rendida homenagem, de forma singular em "Homens que não deviam Morrer".

## ich junior





E aí exaltava as raras qualidades de um Homem Bom, de um Homem de Bem, de um Homem que em si reunia as qualidades de uma luminosa e irradiante humanidade e de uma permanente disponibilidade aos mais.

Aí se consigna: "Indivíduos há que, por muita ilustração que tenham, nunca conseguem valer um caracol fazendo ir por água abaixo, aquelas iniciativas com a marca inicial de sucesso: outros, porém, levantados do nada por um trabalho honesto, limpo e consciente, atingem pelo menos na consideração dos seus semelhantes uma craveira intangível para a maioria dos mortais. Está, neste caso, Raúl Radiche Jr., devotado moçamedense que há pouco se finou em terras metropolitanas, com 52 anos de idade.

Figura de uma popularidade assombrosa, Raúl Radiche, era de tal forma devotamente amigo da sua terra, que não houve ali uma única pessoa a saber, indiferentemente, de tão grande perda para a defesa dos interesses

locais. Nós próprios, que na altura do passamento, nos encontrávamos naquela cidade do sul, podemos constatar o quão querido era o falecido.

O ilustre homem aplicou todos os seus capitais em Moçâmedes que lhe fica a dever a maior parte do surto de progresso de que a cidade ultimamente tem beneficiado. Não havia obra ou instituição de caridade, progressivo para Moçâmedes, a que Raúl Radiche não estivesse ligado. Era certo e sabido que sofria com os desprotegidos da sorte, a quem muito ajudava, atenuando as misérias porque passavam.

Homens há sobretudo nesta nossa província que, servindo-se do prestígio alcançado às vezes à custa de trapaças sem nome, tratam de ocupar certos lugares de comando para incentivar os negócios próprios e ajudar, não só os amigos, como aqueles que, num amanhã próximo, lhes podem ser úteis. Não era

assim - ao que nos dizem - Raúl Radiche. Vice-presidente da Câmara Municipal e dirigente de várias agremiações, nunca as suas acções foram menos correctas e honestas, visando sempre uma melhor valorização da terra que lhe servira de berço e à qual amava com todas as suas forças.

Há indivíduos que não deviam morrer. Atingem uma tal projecção moral que as cidades e gentes se habituam a confiar nelas e, desta forma, se tornam insubstituíveis. Raúl Radiche era, pois, um deles. Sobretudo nesta altura em que tudo nos diz do surto de desenvolvimento que Moçâmedes vai atravessar. E é pena."

É a este exemplar moçamedense que se dispensa o **preito de Homenagem** que ora nos congrega.

Um povo, ainda que disperso pelas vicissitudes da História e do enviezamento das consciências, que olvida ou vota ao descaso os seus mais insignes filhos, como os mais, nem sequer merece a honra de o ser.

Um povo, ainda que retalhado pelos golpes de traição que o precipitam em sofrimento perpétuo, que projecta o futuro na veneração dos seus mais dilectos filhos, desfruta de uma aura de graça porque prepara o devir, alicerçando-o nas virtudes, nos princípios e valores legados pelos mais distintos de entre nós, pelos que são perene modelo de humanidade, de cidadania, acrisolado amor à sua terra e às suas gentes.

Daí que nos curvemos perante a estatura moral de Raúl Radich Júnior e apelemos às gerações mais recentes a que lhes copiem o gesto e a serena afirmação do ser moçamedense, onde quer que a diáspora nos projecte.

# discurso por ocasião da inaugur

### "cidade de porto alexandre"

mário frota

Em memória da minha Avó, Alda da Purificação Viegas Ilha Frota, nada e criada em Porto Alexandre

Canto I

61

Estando Diogo algum tempo de espera Partiu em busca de novos outros pontos; Entretanto iam os negros pra sua esfera Cheios de orgulho e de vaidade prontos. Enorme massa humana ali acorrera (Tanto admirados já estavam meio tontos),

Atribuindo uma grande, anormal fama, Ao que logo de princípio assim o ama!

62

O arauto noutras águas continuara Deixando num local terço padrão A que de Negro logo lho chamara Por ter ficado nessa feia região. Em Angra de Aldeias já também fundeara

Não indo ao interior, com triste perdição, Pelas imensas faltas que surgiam, Voltando p'ra direcção que seguiam.

In "Do Tejo Grandioso ao Zaire Poderoso" - Roberto Correia

#### Porto Alexandre

(Sul de Angola)

Situada sobre uma excelente baía, com relevante movimento marítimo, já nos finais do século XIX, é a denominada Angra das Aldeias a que se reporta Duarte Pacheco no seu Esmeraldo de situ orbis: "oito léguas adiante do Monte Negro se faz uma grande Angra, que entra uma légua e meia pela terra dentro, que se chama Angra das Aldeias e este nome lhe puseram, porque no tempo que Diogo Cão descobriu esta costa por mandado de El-Rei D. João, que Deus tem, achou dentro, nesta Angra, duas grandes aldeias e, por isso, lhe pôs o dito nome. Os autóctones desta terra são gente pobre que se não mantêm nem vivem senão da pescaria, que aqui há muita".



A Angra das Aldeias foi visitada por Bartolomeu Dias, que ali abandonou uma urca, da qual transferiu os mantimentos para as naus que haviam de continuar a viagem.

João Pilarte da Silva, na sua viagem às Terras dos Macorocos, esteve na enseada.

E a expedição do capitão José da Costa atingiu-a também em 1787.

A pequena Angra manteve-se por muito tempo abandonada.

Pedro Alexandrino da Cunha, em 1839, na sua viagem de exploração à Costa Sul de Angola, ali aportara, designando-a por Porto Pinda "que nas cartas inglesas (em alguns muito mal colocado) tem o nome de **Porto Alexandre**".

A designação de *Porto Alexandre* é atribuída a um explorador inglês, de seu nome *Alexander*, que teria percorrido a região anos antes.

O porto era um bom ancoradouro formado por uma grande coroa de areia.

Pedro Alexandrino realçava: "Aqui têm os navios muito bom abrigo, mas mais nada: porque o litoral é um deserto de areia solta, sem vegetação e sem água doce".

O gentio era pobre de gados e de géneros.

Pedro Alexandrino no seu relatório

opinava, aconselhando, que ali se estabelecesse uma feitoria.

Por portaria ministerial de 17 de Julho de 1854 se determinou ao comandante da Estação Naval da Costa Ocidental de África o reconhecimento do Porto de Pinda até ao Cabo Frio.

A portaria é expressa em proibir ali a fixação de qualquer estrangeiro.

O Conselho Ultramarino, subsequentemente, ao aperceber-se da existência de minas de cobre ao sul do paralelo de Moçâmedes, recomendou "a ocupação do Porto de Pinda e o estabelecimento nele de uma feitoria... em vista do lançamento das bases do comércio com os sertões adjacentes".

O major Marcelino Rudzki, incumbido da construção do presídio, para lá partira a bordo do brigue "Serra do Pilar" a 4 de Novembro de 1854.

O comerciante Sousa Monteiro seguiuse-lhe.

A 8 de Dezembro se formou o presídio. O reconhecimento da costa prosseguiu pelo capitão de fragata João Máximo de Sousa Rodovalho, que comandava a Estação Naval.

A povoação, que usufruía, como se assinalou, de uma riqueza piscatória invejável, foi-se, entretanto, estabelecendo. Como base, a ocupação de Moçâmedes.

# ação da rua

A água e os frescos provinham das margens do rio Cunene.

Marco decisivo, porém, como o assevera o doutor António Iria, é que alguns pescadores de Moçâmedes, capitaneados pelo algarvio Cruz Rolão, se estabeleceram definitivamente em Porto Alexandre em 1861.

Por sua morte, a escolha para regedor recaíra na viúva, Maria da Cruz Rolão.

Maria da Cruz Rolão ter-se-á notabilizado pela decisão, energia e bravura de que dera mostras no dia em que um navio inglês ancorou na baía e se propôs efectuar tiros para terra.

Maria da Cruz Rolão embarcou num pequeno caíque, com o brasão das quinas, a drapejar a minúscula embarcação, intimou o comandante do navio a cessar fogo, sustando-se a agressão e o desacato à nossa soberania.

No segundo quartel do século XIX, já em África, nas cálidas terras do Kalahari, entre as dunas e o mar, se realçava o intrépido valor da **Mulher** como obreiramestre, como ser excelso, quando ainda hoje o reconhecimento da figura da Mulher, em Portugal, ainda rareia e se discutem quotas e aptidões para o exercício de cargos políticos de nomeada.

Os pescadores algarvios foram, entretanto, afluindo a Porto Alexandre.

A importância do aglomerado era tal que em 1894 fora para ali nomeado o tenente Gualdino Martins Madeira e constituída uma comissão municipal.

Em 1895 Porto Alexandre seria elevado à categoria de concelho.

Precária era, porém, a sua existência.

O primeiro-Alto Comissário, o General Norton de Matos, imprimiu decisivo cunho ao povoamento, cujas primeiras providências ousou traçar, de que se destaca a construção do denominado bairro poveiro em ordem a atrair a colonização piscatória.

Os primeiros pescadores só para ali foram, em consequência, em 1921, oriundos da Póvoa de Varzim.

Em 1923 novos pescadores ali aportaram.

A indústria de pesca recebeu decisivo impulso.

Porto Alexandre transformara-se num centro piscatório de excelência, dos mais importantes da costa sul de África.

Salinas, salgas de pesca, fábricas de extracção de óleos e de farinhas, fábricas de conservas eis a florescente realidade desta jóia da costa africana quando a "exemplar descolonização", lançou o mísero manto de defecção e abandono a que jamais se assistira sobre a Angola mártir.

Ao execrável abandono impõe-se a indesmontável realidade de uma florescente cidade, guindada a uma tal categoria em 19 de Maio de 1967. E de um centro de excelência a que muitos dos ascendentes dos Sampaios Nunes, Antunes da Cunha, Tendinhas e Dolbeth e Costa e tantos outros promoveram com o seu génio, a sua arte, a sua devoção enternecedora por uma terra que se mostrou ser pródiga na sua rudeza, no agreste do encrave entre as dunas e o mar.

Honra aos que a ergueram.

Honra aos que a rememoram.

Honra aos que, noutro enquadramento, noutras coordenadas, prosseguem, afinal, ainda que com rupturas, o esforço indómito que uma terra que teve de ser afeiçoada a golpes de audácia, porque inóspita, praticamente despovoada e sem devir.

O preito de homenagem que as Caldas da Rainha, pelo seu município, pelos seus edis, com destaque para o seu presidente (Caldas a mais africana das







Terras Portuguesas, por acolher no seu terno regaço, as romagens, as peregrinações de saudade que aqui projectam o futuro, ancorados na rememoração de um passado digno e de elevação) lhe prestam, materializa-se no descerramento da placa com o nome da "Rua da Cidade de Porto Alexandre", e é penhor de gratidão pelo hercúleo esforço dos que "novos mundos deram ao mundo". È a mais fundada esperança de que, em harmonia, em paz, atenuadas as diferenças, dissipados os ódios, reforçadas as convicções, um imenso mundo de expressão lusíada irromperá e nossos maiores, reabilitada a História, se louvarão no ecumenismo da mensagem e na afirmação de uma Pátria das Pátrias que mora no mais recôndito dos nossos seres.

E com o Poeta, na rememoração de Mocâmedes, Mar e Março, na festa dos a l e x a n d r e n s e s , s e p o d e concelebradamente afirmar, se bem que se forma mais prosaica:

Março era o teu corpo moreno brincando na praia ciumento o sol das ondas do mar ciumento eu de qualquer olhar que não fosse o meu

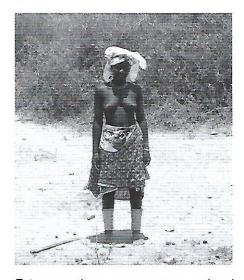
Março era a gargalhada juvenil das férias com Sylvie Vartan em todos os rádios e Cliff Richard em todos os corações das meninas românticas dos meus quinze anos

Março e as pequenas farras improvisadas do entardecer onde adolescentes se aprendia a desenhar com as mãos no corpo de jovens namoradas a linha sinuosa dum corpo de mulher

Março era tudo isso e mais esta saudade dum tempo que a memória não traiu haverá sempre um mês de Março em qualquer vida não mudam os calendários nem a juvenil voracidade de amar...!

### paradoxos

acácio oliveira



Estamos a viver um momento paradoxal da relação que nos últimos vinte anos as sociedades contemporâneas ocidentais estabeleceram com o corpo. Vivemos num tempo em que o único brilho que nos parece restar é a do nosso próprio corpo, verdadeiro depositário da identidade de cada um e em que, simultaneamente, são enunciadas as dúvidas mais radicais sobre o conhecimento que temos, cientifico incluído, acerca dele. De um lado, parecemos acreditar na salvação através do corpo; do outro lado, cavamos fundo o cepticismo sobre os saberes e os dispositivos tecnológicos postos à nossa disposição para o controlarmos. Em consequência dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos em esferas tão diversas quanto a engenharia genética, os transplantes, a reprodução, a cirurgia plástica, os implantes ou a fisiologia do exercício, o corpo tornou-se no novo território de exercício das liberdades individuais. Deixou de ser a expressão de um dado fixo da natureza para se sujeitar progressivamente ás regras das opções e escolhas da sociedade de consumo. Numa sociedade em que as grandes narrativas produzidas pelas instâncias ideológicas, políticas ou religiosas estão



em crise, o corpo surge na sociedade de consumo como último reduto de controlo dos acontecimentos e como forma essencial de constituição das identidades.

Nunca o corpo esteve tão presente na vida quotidiana. Nos anos mais recentes a esfera pública configurou-se a partir de um credo corporal ancorado no paradoxo da segurança-risco. A segurança é um sintoma do poder da vida que há muito nos acompanha. Fazendo da morte um objecto de apreensão, o poder disciplinar preocupou-se com a sobrevivência, com o prolongamento da vida e com a protecção da higiene pública. Filiado em novas tecnologias políticas do corpo, o poder da vida estendeu a sua actuação ao conjunto da população em questões como a natalidade, a fecundidade, a velhice e o controlo das doenças. Hoje em dia o tema da segurança percorre transversalmente esferas muito diversas da vida, mas todas elas remetendo para a antecipação, para a prevenção e para o centralismo do sujeito em si mesmo. Revistas, programas e canais temáticos



de televisão, jornais, publicidade e debates médicos públicos difundem informações mais ou menos especializadas sobre alimentação e exercício físico, apresentando soluções que prometem a saúde física e psicológica ou a transformação do corpo. Sendo o corpo apresentado como propriedade de cada um, também a prevenção e a redução dos riscos passa a ser empresa da responsabilidade individual.

Jamais na história se quebraram de forma tão evidente as fronteiras existentes entre a beleza, a saúde e o desempenho físico ou corporal. No centro desta "revolução do bem-estar" ou de "saúde integral e permanente", está a associação generalizada entre um modelo de corpo ideal, a saúde e o estilo de vida. A força deste modelo estriba-se na naturalização das relações entre o ideal estético do corpo e a avaliação ética da pessoa. A ideia segundo a qual o corpo pode ser controlado como um objecto é particularmente evidente no contexto das actividades físicas e desportivas, Neste caso, os sujeitos tendem a construir um sentimento significativo de si através do esforço pessoal e do controlo. É assim que o mito da perfeição corporal se torna num forte marcador social, mascarando as bases estruturais das desigualdades sociais debaixo do véu das virtudes pessoais e da auto-suficiência que assistiram à escolha do estilo de vida de cada um.



### o avô e o neto

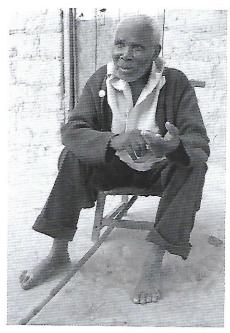
luís sousa

Toda e qualquer discussão poderá ser travada ao nível mais baixo, ao nível médio e ao nível superior do pensamento.

Se a discussão for travada ao nível mais baixo, onde tudo é natural, simples, singelo, talvez bastem os punhos, os braços, os músculos, o físico; impor-se-á aqui ser o mais forte, porque avançando a disputa com as partes envolvidas em razões de facto, tudo se resolverá a murro e a pontapé, quantas vezes com a razão da força a falar mais alto, o soçobrar da força da razão e o consequente emergir da animalidade.

Se for travada ao nível médio, onde tudo se funde em sincretismos, onde tudo se mistura num amalgamar de coisas; os mais poderosos, os menos poderosos; os mais sabichões, os menos sabichões; os mais safardanas, os menos safardanas; onde a distinção chega a ser impossível porque o que é, nunca é carne nem é peixe; onde nada é claro, tudo é escuro; nada é límpido, tudo é turvo no escuro, no cinzento. todos os gatos são pardos onde, sem pudor, se legitima o oportunismo, as subtilezas, as dissimulações, jogos baratos, jogos de alcova, e sabe-se lá que mais!... Talvez a este nível se imponha por si mesmo a falsidade, o fingimento, a hipocrisia, a intriga, a mentira, a inveja, o cinismo. É o mundo dos habilidosos, dos espertos. Tudo aqui serve: não se olha a meios para atingir os fins. Tudo vale. É Assim a confusão.

Se a discussão for travada ao nível superior do pensamento, talvez a relevância não esteja no ser o mais forte; talvez mais do que o exibir músculos possantes importará o exercitar do cerebro, do intelecto. Talvez baste ponstruir raciocínios com saber, dispor da capacidade de pensar correctamente; talvez baste saber mame ar as armas da razão: o argumento, o contra-argumento, a argumentação, a contraem suma: talvez, aqui, cara que os objectivos mais nobres sejam alcançados, tanto baste a utilização daquilo que se oferece como



sendo o verdadeiro poder, o poder da razão.

E quando se utiliza unicamente o poder da razão, quem tem razão, tem-na.

Não será sustentável, em sede de razão, ao nível superior do pensamento, o asseverar do adágio popular de que "não há um teimoso sem dois". A questão posta assim, sem mais, é revelação de que se descura o saber trabalhar com o pensamento.

A este nível, se um é teimoso porque não tendo razão insiste em tê-la ou se refugia naquela outra asserção popular, "fica-te na tua que eu fico-me na minha", em nada inibirá o oponente, que, em sabendo pensar, sempre terá razão pela via do pensamento.

Se se utiliza unicamente o poder da razão, se um tem razão, o outro não a tem.

Apenas às crianças e só às crianças será lícito terem razão mesmo sem a ter. Para que a tenham, bastar-lhes-á serem crianças.

A sensibilidade e a afectividade que tão docemente caracterizam as crianças, associadas à autenticidade e candura da franca inocência que lhes é peculiar, dirlhes-á que o "rei vai nu" mesmo quando os adultos vêem no rei a roupagem que só os adultos vêem.

A sensibilidade e a afectividade são tudo

quanto se tem de esperar das crianças.

O pensamento objectivo, esse, deixe-se para lá, para mais tarde. Uma criança é uma criança, um adulto é um adulto. Não se confunda alhos com bugalhos.

É ainda a sensibilidade e a afectividade, que sem serem exclusivas das crianças, segredam aos ouvidos dos adultos que "as crianças são o sal da vida". Sem crianças a vida é insípida. Uma sensaboria.

Pelas crianças se sabe quais os adultos que prestam e quais os adultos que não prestam.

Quando uma criança diz, "não gosto daquela avó", é porque a avó não presta e, provavelmente, nunca terá feito nada por prestar, para ser diferente, sobretudo para entender as crianças e, neste domínio, ajudá-las a orientarem-se correctamente na educação, aliás, como cumpre fazer a todo e qualquer adulto civilizado e com verdadeiro sentido da vida e das coisas.

Tratar as crianças com respeito, com compreensão, com carinho, com amor, sem violência física e/ou psicológica às crianças não se agride é, para além do mais, justiça singela para a qual as crianças, na sua pureza, na sua fragilidade, têm particular sensibilidade e especial apetência.

Justiça singela é justiça sem subtilezas.

Justiça sem subtilezas é dar a cada um aquilo que lhe pertence e só aquilo que lhe pertence: nem mais, nem menos. Se se der mais, alguém, injustamente, ficará com menos; se se der menos, alguém, injustamente, ficará com mais.

Tratar as crianças com respeito, com compreensão, com carinho, com amor, sem violência física e/ou psicológica, dar-lhes aquilo que, afinal, lhes pertence, é, para além de justiça singela, também bondade. Bondade que se afirme como consciente, que soe nas palavras e no sentir como um verdadeiro dever de cariz cívico assumido na formação de crianças que se querem, dentro do possível, sem recalcamentos, descomplexadas, sem medos, afectuosas, carinhosas, amorosas, sem reserva-mentais, sem ódios, sem rancores.

Só com actuação carinhosa e inteligente se formarão crianças saudáveis, física e mentalmente.

Que não se reserve para o futuro gente traumatizada à partida; que se tenha por ideal um futuro sem recalcados de infância; um futuro sem revoltados contra tudo e contra todos, sempre prontos a dar pontapés e "coices" por tudo e por nada; um futuro de gente que saiba o que é isso dos valores, como os do reconhecimento e gratidão, da consideração e respeito, a par de tantos outros hodiernamente atirados pelas ruas da amargura e tão dramaticamente arredados das consciências por falta de educação e déficit de civismo.

Que o futuro seja de gente que saiba que o respeitar é considerar o outro como parte integrante do eu sem o outro, eu não teria sequer consciência da minha própria existência e que, sendo assim, não deverei querer para o outro o que não quero para mim, sob pena de, querendo o contrário, me sujeitar às consequências desastrosas da acção de retorno do bumerangue em mãos de aprendiz de feiticeiro.



Não se educam crianças com violência, quer física, quer psicológica, e muito menos chantageando-as e amedrontando-as. Isso não é nada. Se, todavia, ainda assim se entender que alguma coisa é, essa alguma coisa, então, não será senão amestrar.

Amestrar, mais propriamente amestramse animais.

Se, de facto, é importante saber orientar o desenvolvimento do aspecto cognitivo das crianças, tão importante quanto a cognição, se não mesmo mais, é o desenvolvimento psico-afectivo.

Só educando e não amestrando crianças se deixará de ouvir dizer por parte de quem sabe o que diz: "É uma criança cheia de medos"

A história de que "é de pequenino que se torce o pepino", quando extrapolada para a educação de crianças que, obviamente, não são pepinos, tem de ser entendida "cum grano salis". E entender "cum grano salis" é, no mínimo dos mínimos, saber "contar até dez" para dar tempo ao tempo de discernir, de distinguir, de temperar, de não confundir alhos com bugalhos. Contar até dez, não é, certamente, o mesmo que no futebol: "meia bola e força".

Mas, enfim, que fazer quando o confronto é com a soberba que anda por aí à solta, à deriva, quase sempre associada à ignorância?!... Tolere-se, pois!... Eles não sabem o que fazem; eles não sabem o que dizem. Não sabem, não querem saber e têm raiva a quem saiba: é mais fácil pôr um cego a ver do que aquele que não quer ver; é mais fácil pôr um surdo a ouvir do que aquele que não quer ouvir.



que se chamava Henrique. O Henrique tinha quatro anos de idade. Muitas vezes, o avô, carinhosamente, tratava o Henrique por Henriquinho. Outras vezes tratava-o por Riguinho.

Brincavam um com o outro, envolviams e e m e m p a t i a m ú t u a, e m cumplicidades de meninos, como se ambos fossem crianças.

Um dia, o avô puxando dos galões de avô resolveu pôr à prova a capacidade de pensar do Henrique.

#### Então disse-lhe:

Todos os gatos miam! afirmou de chofre e categoricamente É ou não é verdade que todos os gatos miam?!... perguntou, de seguida, o avô ao neto, com semblante carregado e voz austera, aliás, "como era suposto convir na circunstância".

É! respondeu o Henriquinho, de feição um tanto ou quanto intrigada e com os olhitos fixos nos do avô; respondeu simplesmente assim; assim significativamente, com aquele simples "É"... Como se nada mais houvesse para dizer.

O Henrique tinha um gato pardo, bonito, dócil, de que se gostava facilmente e ao qual ele, Henrique, havia posto o nome de Chimba.

O Chimba é gato! prosseguiu o avô naquele mesmo, como que ali emprestado, seu jeito de estar e de dizer É ou não é verdade que o Chimba é gato?!...

É! respondeu de novo o Riquinho, simplesmente assim, com aquele mesmo "É" e sem despegar os olhos dos do avô.

Pois então e pelos vistos, eu e tu, estamos de acordo no que concerne a que todos os gatos miam e no que concerne a que todos os gatos miam e no que concerne a que o Chimba é gato explicitou o avô, deixando-se, desta feita, de carantonhas feias e voz austera, assumindo-se com mostras de embaraço face aos olhos do Henriquinho fixos como que em modos de estranheza e de censura por aquela estranha atitude desastradamente assumida aquando da primeira interpelação e que ele, Henrique, parecia não reconhecer como sendo do avô.

Ora, continuou o avô se assim é, vale por dizer, se estamos de acordo quanto aos dados, e se, efectivamente, é verdade que todos os gatos miam e que o Chimba é gato, então o Chimba também ...

Mia! o neto completou, de rompante, a frase do avô deixada em suspenso, concluindo em voz, a seu jeito altissonante e como que em réplica, em voz de certo modo também austera como antes fora a do avô, porém, com especial brilho de descompressão nos olhos e sorrindo com ar triunfal.

Precisando melhor o raciocínio, o avô rematou a conversa fazendo por fim a síntese do que havia sido dito:

Se é verdade que todos os gatos miam e se é verdade que o Chimba é gato, então, há-de-se concluir, como tu concluíste e, muito bem, que o Chimba, necessariamente (conclusão necessária por não poder ser de outro modo, porque, se o pudesse, seria contingente e não necessária), também mia como todos os outros gatos.

É fundamental, na vida, saber pensar. Sem isso não se irá a lado nenhum; será mesmo muito difícil interagir com os outros em comunidades e sociedades de gente civilizada.

Todo este jogo de palavras, toda esta troca de ideias, entre o avô e o neto, contendo muitos vocábulos, uns exprimindo conceitos e ideias (termos), outros, sem conteúdo em si, sendo, por isso, simples palavras determinantes desses mesmos conceitos e ideias, poderá muito bem ser resumido, reduzido à sua expressão mais simples, ou, se se preferir, assim como que à ínfima espécie. E, fazendo-o, poder-se-á dar-lhe tradução na conformidade do seguinte raciocínio de construção correcta, legítima, válida, e verdadeira (modelo de escola):

Todos os gatos miam. O Chimba é gato. Logo, (então, pois, portanto, por conseguinte) O Chimba mia.

Todo aquele palavreado pôde, afinal, ser condensado nisto, num simples silogismo regular, exactamente como alguém que, em matemática, pusesse um problema dado em equação para mais facilmente o entender e resolver, ou, em cibernética, construísse um algoritmo.

Os problemas, ou se se quiser, as proposições, em matemática, são resolvidos com números, termos, (expressões numéricas que se querem de ideias unívocas, precisas; em rigor, só admitem uma e só uma interpretação, por isso mesmo são unívocas, precisas).

Os problemas, as proposições, no linguajar comum, são resolvidos com palavras, termos, (expressões verbais de conceitos e ideias muitas vezes ambíguos, pouco precisos, susceptíveis de várias interpretações).

Num e noutro caso, porém, o esquema resolvente, na essência, é o mesmo: redução do complexo a simples.

Invertendo-se a ordem do pensamento, isto é, partindo agora do particular para o geral e não, como ali, do geral para o particular, aquela mesma formulação silogística poderá ser posta de acordo com este outro modelo:

O Chimba mia. Todos os animais que miam são gatos. Logo, (então, pois, portanto, por conseguinte) O Chimba é gato.

Seguindo o primeiro modelo, progrediuse do conceito menos compreensivo (mais extenso), todos os gatos, para o conceito mais compreensivo (menos extenso), o Chimba, e chegou-se à conclusão de que o Chimba mia.

Progride-se quando se avança do menos para o mais, do menor para o maior.

Seguindo o segundo modelo, regrediuse do conceito mais compreensivo (menos extenso), Chimba, para o conceito menos compreensivo (mais extenso), todos os gatos, e chegou-se à conclusão de que o Chimba é gato.

Regride-se quando se avança do mais para o menos, do maior para o menor.

Articulando entre si as duas conclusões daqueles dois silogismos, inferir-se-á que o Chimba mia porque é gato, e porque o Chimba é gato, mia.

Estar-se-á, aqui, em substância, perante uma definição (todos os gatos miam e tudo o que mia é gato) posto que ambos os termos da proposição, gato e miam, têm a mesma extensão (razão suficiente da susceptibilidade de conversão simples, tanto o sujeito pôde ser predicado, como o predicado pôde ser sujeito, sem que o facto tivesse implicado alteração do valor da proposição) e, no caso concreto, definição descritiva ou empírica por contraposição à definição lógica, esta que, diferentemente daquela, consiste não em descrever as características exteriores mais salientes de um ser, as propriedades acessórias, mas sim em dar a sua essência: juntar a diferença específica ao género próximo.

Os conceitos e as ideias (realidades abstractas), tal como as demais coisas (realidades concretas), são dotados de extensão (têm extensão) e de compreensão (são compreensíveis, têm compreensão).

Acontece que a extensão e a compreensão de que os conceitos e as ideias são dotados variam na razão inversa uma da outra: Quanto maior é a extensão, menor é a compreensão; quanto maior é a compreensão, menor é a extensão.

Portanto, quando se diz, todos os gatos, estar-se-á a referir aos gatos em toda a extensão do universo dos gatos, trata-se da extensão universal, da extensão em toda a sua dimensão, em todo o seu tamanho, assim mesmo, estendido por todo aquele universo fora.

Quando se diz, Chimba, estar-se-à a referir especificamente ao gato do Henrique; estar-se-á a individualizar aquele gato e não outro; estar-se-á a referir ao gato, o gato do Henriquinho; estar-se-á, pois, a referir ao Chimba na extensão mínima do universo dos gatos, na sua singularidade, na sua extensão de indivíduo.

Entre a extensão do termo maior do silogismo, miam extensão máxima, extensão universal e a extensão do termo menor, Chimba extensão mínima, extensão individual situa-se o termo médio, gatos (termo médio que, como é consabido, nas definicões, aliás, como é o caso, excepcionalmente tem a mesma extensão do termo maior) voltando atrás e em simplificação do pensamento: entre o termo maior, miam, e o termo menor, Chimba, situa-se o termo médio, gatos, que, afora casos como o ora enunciado, os das definições, que sempre serão excepções, tem extensão média, extensão parcelar, extensão referida a uma parte do todo.

Ter-se-á, assim, a extensão universal (abrangendo todo o universo), a extensão parcelar, particular (abrangendo parte do universo) e a extensão singular, individual (abrangendo um só e único indivíduo de um certo e determinado universo no caso concreto, no caso dado, no caso do silogismo o universo dos gatos).

E a história d` "O Avô e o Neto" termina aqui com o avô a dizer ao Henrique:

Tens razão, Riquinho! Se todos os gatos miam e se o Chimba é gato, então, o Chimba, em verdade, mia. Daqui resulta claro aquilo que logo no início desta conversa me propus saber de ti, aliás, aquilo de que sempre suspeitei: embora ainda pequenito e sem embargo das tuas naturais limitações, sabes pensar como deve ser; tens, portanto razão.

E tens razão não só por teres um pensamento correcto, mas ainda e sobretudo por seres uma criança de apenas quatro anos de idade, por seres frágil como todas as crianças da tua idade o são e, consequentemente, precisares de séria e responsável protecção de todos os adultos, especialmente, daqueles que te são mais chegados.

Mais, ainda: porque, quer se queira quer não, as crianças sendo crianças, estão longe de ser homens e mulheres, não são adultos muito boa gente, por limitações várias, lamentavelmente, não enxerga o óbvio por isso mesmo e só por isso ainda que mais razões não as houvesse, e as há as crianças, como tu, têm sempre razão.

# CAMAPE, LDA. E IRMÃOS CASTRO



Empreendimento ALDEIA NOVA (vivendas) acabado e entregue aos clientes.



Empreendimento CIDADELA DE ÍLHAVO

> pronto em Julho de 2005

